

## **DO ANALISTA DESAMPARADO<sup>1</sup>**

**Jacques Laberge<sup>2</sup>**

“Nem estava pensando nisto”, “não tem nada a ver”. Um sonoro “não” ecoa pelos consultórios de analista, dias, semanas, meses, anos a fio. A denegação no dia a dia da análise ilustra a posição do eu e de seu “conhecimento paranoico”, fonte inesgotável de desconhecimento. Vem de longe. “Mergulhada na impotência motora e na dependência”, a criancinha encontra na experiência especular seja com o espelho ou com um alguém qualquer uma compensação alienante e ilusória para seu desamparo (Lacan, *Écrits*, 94-96). Leitor aos vinte anos da tradução francesa do *Ulysses* de James Joyce, romance considerado o mais importante deste século, leitura indispensável para um analista, Lacan não pode deixar de ficar impressionado com as belíssimas imagens de condensações especulares “meus pés ao fim de suas pernas” ou ainda de identificações especulares “ele é eu”, “lui, c’est moi” escrito em francês no texto inglês (31 e 35). Precisamos avaliar melhor a influência de Joyce não somente nos últimos, mas também nos primeiros textos de Lacan.

### **Desamparo diante do desejo da mãe**

O desamparo da criança conforme Lacan não estaria associado ao abandono da parte da mãe. O abandono, porta aberta para a melancolia, atinge certo número de seres falantes, e pode até levá-los à morte real. O desamparo, efeito do desejo materno, coloca a criancinha à mercê do desejo materno, primeiro passo para a angústia. Quanto mais mãe, quanto mais desamparo, quanto mais angústia, poderíamos dizer. Se muitos escapam ao abandono propriamente falando, ninguém escapa ao desejo materno.

Freud faz girar todo seu ensino ao redor do complexo de castração, sublinhando o “desejo do Outro” como desejo incestuoso da parte da criança. Joyce escreve *Amor Matris: subjetivo e objetivo genitivo* (23). Nesta linha, Lacan destaca a ambivalência do

---

<sup>1</sup> Apresentado no V Fórum Brasileiro de Psicanálise “Psicanálise e desamparo”, Recife/PE, 19 de junho de 1999.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

“desejo do Outro”, o desejo da mãe começando pelo desejo provindo da mãe, desejo que a criança seja seu falo imaginário, este desejo tendo primazia sobre o “desejar a mãe”. A castração simbólica, separação simbólica mãe-criança, incidirá primeiramente sobre o desejo materno. Se for total e acachapante, isto é, sem reconhecimento na linguagem à referência ao Outro da função paterna, este desejo produzirá a psicose.

O recurso ao eu, este eu que é um outro, esse outro que é um eu, o recurso ao eu como compensação pelo desamparo se revela um recurso furado, embora inevitável. Esta imagem especular encantadora, plena, provocante de libido e de agressividade exerce seu papel sistemático de ilusão e engano. Assim, o eu, em sua especularidade, não vem na criança compensar propriamente o desamparo, mas de certo modo, radicalizá-lo, pois exalta a posição de falo imaginário da mãe. Afinal, quanto gozo temos em sermos iludidos, enganados! E a castração simbólica serviria para reduzir este gozo.

Mas, como é o caso do analista desamparado diante da singularidade do discurso do analisante? Lembremos, em primeiro lugar, que o analista é, sobretudo, o resultado de uma análise. Na sua longa e intensa experiência, às custas dos horrores despertados por uma verdade sempre singular, deixou, em parte, de ser simplesmente o falo imaginário da mãe, e, desmontando muitas construções imaginárias, teve que se confrontar com os avatares de seu complexo de castração.

Pelo questionamento que o desejo opera sobre o amor na experiência da transferência, poderia se pensar que o analisante que levou o mais longe possível sua experiência analítica, o analisante “virado” analista, conseguiria ficar sem eu, sem este eu da alienação imaginária. De qualquer modo, em certos níveis, este eu alienado em seu amor narcísico perdeu umas plumas. Mas, apesar da redução do tamanho do imaginário, não dá para escapar ao imaginário do corpo, ao imaginário do sentido, que se articula ao simbólico da linguagem, e também ao impossível do real, impossível de ser imaginado e simbolizado.

Como qualquer analista, Freud usou seu eu para compensar, equivocadamente, seu desamparo diante da singularidade do discurso do analisante. Infelizmente. Inevitavelmente. Seus grandes casos clínicos são marcados por sua preocupação em se contrapor às teses de Adler e de Jung. Estímulo para Freud em sua teoria, esta preocupação feita conhecimento obstaculiza sua escuta do saber inconsciente do analisante. E de uma maneira ou outra, às vezes na hora, às vezes tardiamente, Freud se

dá conta das interferências de seu eu nos obstáculos da análise, o que levou Lacan a caracterizar a resistência em análise como resistência do analista, este, afinal, interferindo com seus preconceitos. Não podendo ter seu ego zerado, o analista não consegue ouvir melhor o analisante. Neste aspecto, o grau de resistência do analista pode radicalizar ou relativizar a resistência do analisante. “Será que você está me entendendo? será que você está me escutando?” se estas perguntas remetem a outros transferencialmente, apontam uma falha estrutural: o analista tem também seu eu paranoico. A singularidade de um saber que é do analisante, pois se trata de seu saber inconsciente e que lhe escapa enquanto sujeito, vem, repentinamente, questionar os preconceitos do analista. No caso do “homem dos lobos”, e do que seria chamado hoje sua “síndrome de pânico” frente à borboleta de listras amarelas, as teses de Freud e sua pressa em se contrapor a Adler e Jung esbarram na fala do analisante sobre Grousha, pera listrada associada significativamente à Grousha, nome da empregada, que remete a Matrona, nome materno de uma mulher do campo. É a Grousha enquanto agachada que desperta desejo ao mesmo tempo em que, ambivalentemente, representa a ameaça de castração, evocando, neste aspecto, neste momento, a função paterna. Pelo menos, Freud não impediu neste momento a seu analisante realizar seu “ato analítico”.

### **Questionar o sentido**

A associação de significantes, seja de uma palavra, de uma frase, de um parágrafo completo, vem questionar não somente a significação, mas o sentido. Tantos sintomas, tantas queixas voltam a se repetir, incessantemente, necessariamente, numa fala entrecortada de um “para mim, não tem mais jeito”, “não tem solução”, “não tem saída”. Ora o sofrimento é carregado de sentido, o sofrimento é pesado de sentido, o sofrimento carrega as cangalhas do sentido. Todo o sentido da vida é orientado para este sofrimento.

É verdade que o analista intervém em vários níveis, no imaginário, no simbólico e no real. Isto não deve servir a justificar qualquer tipo de intervenção e, efetivamente, em certas situações, o analista se pergunta se sua interferência não foi mais egóica ou se está fazendo um trabalho de ginástica psíquica e não de psicanálise, se está dirigindo o analisante em lugar de dirigir a experiência analítica. Interferências egóicas constituem justamente o obstáculo, representam o desafio, pois vem reforçar o sentido que se

trataria de reduzir. Trata-se de questionar o sentido, o sofrimento que está a serviço do sentido. Para isto, o analista não pode ficar do lado do sentido, do pleno do eu especular, mas, ao contrário, do lado de uma posição, se possível, de esvaziamento do imaginário. Lacan fala do eu do analista “no lugar do morto”. Ali, uma face radical do desamparo do analista, que, não podendo ocupar o lugar de ideal do eu que lhe é atribuído, possibilita as condições do ato analítico do analisante.

Ora a questão do sentido marca nossa vida pela filosofia com sua concepção do mundo, pela ontologia a serviço do verbo ser, pela história feita para nos dar a ideia de que ela tem algum sentido, pela religião enquanto lugar de sentido. É o que nos lembra Lacan no seu Seminário XX, Mais ainda (Encore-33 e 45) e numa carta aberta após a Dissolução da Escola freudiana de Paris (18-3-80). Ser o falo da mãe no gozo do sofrimento indica todo um sentido, uma orientação de vida. Se a interpretação psicanalítica viesse do sentido, a análise seria uma filosofia, uma ontologia, uma história ou uma religião. A interpretação vem do campo do significante questionando o gozo de um sofrimento cheio de sentido. “O termo sentido é pleno ele-mesmo”, diz Lacan (15-3-77). De fato, o sintoma é carregado de sentido.

Freud se coloca na história do pensamento como o questionador da filosofia do ser. Como o sentido, o ser remete a uma plenitude. Toda plenitude não deixa de ser especular. Mas Freud não teria surgido sem o imprescindível corte operado por Descartes na história do pensamento. Com seu “eu penso, então eu sou”, ele deslocou a primazia dada ao ser para a primazia dada ao sujeito. Indispensável ao surgimento da psicanálise, o cogito cartesiano se vê por ela interrogado, pois há uma divisão entre o eu especular e o sujeito efeito de simbólico, este último sendo também dividido pela fala, numa relação de exclusão entre “penso” e “sou”, quando se define o inconsciente como um saber sem sujeito.

### **Ilustração clínica**

Recordo-me deste jovem analisante que só falava em câncer e na certeza hipocondríaca que estava à beira da morte. Dizia ele que em tratamento anterior havia falado muito sobre isto e que não aguentava mais o nível desse sofrimento, este sintoma sendo associado diretamente ao sentido sexual. Na medida em que, em dado momento, começou a me falar com certa amargura da influência corrosiva de um tio, a descrição

deste importante personagem destacava características tais que acabei dizendo: “então para você este tio é o câncer na família”. Fiquei surpreso com o efeito desta interpretação, pois nunca mais abordou o assunto câncer. Como há um outro que repete exatamente o mesmo sintoma e que ainda não consegui ouvir bem, surge a pergunta: como o analista pode permitir ou dificultar o ato analítico de seu analisante? Implacável, a gota da repetição cai na cabeça do analista que custa a ouvir, alimentando assim a resistência do analisante. Será que estamos sempre esperando o analista que nos substitua junto a tal analisante ? Aliás, justamente no caso do “Homem dos lobos”, no capítulo VIII, Freud nos alerta: quão errados estamos em considerar a imaginação e a sugestão do médico, responsáveis pelos resultados da análise. E ele vai deslocando esta responsabilidade para a arte do bem dizer do analisante, arte que a escuta do analista pode facilitar ou não. O que há de certo é que a interpretação, no caso, “esse tio é o câncer na família” é um prolongamento da fala do analisante, não é da ordem do sentido, fosse ele um sentido sexual pre-dado por Freud. Este sentido, vocês não operam a não ser reduzindo-o (...) é do equívoco fundamental em algo chamado simbólico que vocês sempre operam, afirma Lacan em 1974, lembrando que o sentido é sustentado pelo imaginário (R.S.I., 10-12-74), o imaginário que está sempre errado (...) o consciente (...) vontade de não mudar (*L'insu*, 18-1-77). O jogo do equívoco articulado pelo analisante na medida em que comparava o tio a um câncer rompeu o sentido deste sofrimento. Se há sempre uma articulação ao sexual, é sempre pela mediação do falo, significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado, enquanto o significante os condiciona (E.690). Isto é, a articulação ao sexual nunca é direta a um sentido estabelecido, pois passa pela articulação ao falo e a seus meandros, transformando o sentido sexual em não-sentido.

Estamos aqui na ordem da análise na transferência que Lacan opõe à análise da transferência. Nesta última, se trataria de remeter sempre ao analista o dito do analisante, deslizando facilmente para uma conotação persecutória. Mas penso que, em momentos de impasse da análise, em que o analisante imobiliza o analista pelos tentáculos do sentido do sofrimento sem saída, se impõe a análise da transferência. Citei em outro trabalho o diálogo numa situação de marasmo, difícil a evitar em análise, quando, remetendo à análise da transferência, perguntei a uma senhora: “afinal de contas, o que acha que sou para você?”. “Para mim, o senhor é um broche, um enfeite, gosto de dizer que faço análise com o senhor”. E só há um passo mínimo do broche ao

falo brochado. A partir da fala dela sobre a posição de mera decoração sem efeito em que me colocava, a análise tomou outro rumo.

### **A arte do bem dizer**

E a arte do bem-dizer tanto do analisante quanto do analista se articula à arte do bem-ouvir do analista, arte tão difícil porque as sereias do sentido o seduzem e amarram.

A fala do analisante vai num sentido, numa orientação quando, subitamente, uma frase inesperada, uma lembrança esquecida, um lapso, um chiste, uma besteira, um detalhe, uma pergunta do analista, vem com seu lado imprevisto e seus deslizos mudar o sentido da fala, o curso da fala, a orientação da sessão; vem questionar o sentido da fala e ao mesmo tempo esvaziar as cangalhas do sentido que apesentam o sofrimento. Este transtorno do discurso opera um deslocamento, assim como o recalque do falo desvia, obstaculiza, impossibilita a relação (rapport) sexual. O sentido, a direção ao Outro sexual esbarra na fala. E a fala é associada ao falo, pois pode se falar de recalque na criança propriamente só quando ela começa a falar, e o que é recalcado é eminentemente o falo.

Podemos pensar em várias situações, nos momentos de impasse mesmo de toda análise e de certas análises em particular, ou nas análises de analisantes que sofrem muito, mas que não tem talento para fazer análise, podendo, apesar desta grande limitação, se aproveitar da análise, e nesses casos, as dificuldades aumentam para o analista, ou podemos pensar ainda nas análises de psicóticos, quando a submissão ao desejo materno é total, e embora o atendimento a psicóticos seja muito diferente. Estas três situações limites nos levariam à pergunta: o analista estaria desamparado por uma identificação ao analisante e ao sentido tão envolvente de seu sofrimento, regredindo à submissão ao desejo paralisante do “ser o falo da mãe” ? “Ser o falo”, isto é, algo da ordem do ser, vivenciado pela criança como uma espécie de ontologia fálica que dá todo o sentido à vida. Haveria uma revivescência do desamparo diante do desejo materno angustiante que convoca ao ser e sua plenitude de sentido? Como Lacan comenta que nós “falaseres” costumamos dormir e que só acordamos de vez em quando, podemos nos perguntar se a repetição da queixa sofrida do analisante, tal uma canção de ninar às avessas nas cantilenas do sentido, nos confirma em nossa vocação de dorminhocos. É

trabalhoso acordar para ouvir outra coisa do que o sentido, pois afinal a atenção flutuante quer dizer isto. Ouvir outra coisa do que a significação, o sentido leva a abandonar o ronco do sono, questionando o “ron-ron” da repetição. Permitiria ao analisante abandonar o sentido global passado pelo grande Outro do ser e se confrontar com os sentidos parciais, novos que transformam a vida em algo não somente mais próprio, mas mais interessante.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil, (1915), Obras completas Rio, Imago, 1976, vol. XVII, 13-156.

- LACAN, Jacques:
  - Écrits, Paris, Seuil, 1966;
  - Encore (Séminaire XX, 1972-73), Paris, Seuil, 75;
  - R.S.I. (Séminaire XXII, 1974-75) , inédito.
  - L’Insu (Séminaire XXIII, 1976-77), inédito.

JOYCE, James. Ulysses , The corrected text edited by Hans Walter Galber, Great Britain, Hazell Watson, 1986.